

As tecnologias da informação e comunicação e novas formas de sociabilidade: possibilidades e desafios para o campo da saúde coletiva

As novas tecnologias da informação e comunicação têm tido uma importância crescente na formatação das relações sociais, e são cada vez mais utilizadas como campo de pesquisa e intervenção em diversas áreas do conhecimento. Nos dias atuais, a Internet não é só uma importante fonte de informação sobre o processo saúde/doença/cuidado, mas também uma tecnologia que permite a construção de novas formas de subjetividades e de interação socioafetiva, merecendo atenção especial no campo da saúde coletiva.

Neste fascículo, o artigo *Cruising y e-citas: Un Nuevo Contexto para los Encuentros Sexuales entre Hombres Jóvenes que Tienen Sexo con Hombres* de Grau-Muñoz et al. (p. 2303), em um estudo realizado na Espanha, aborda o uso das tecnologias da informação e comunicação (*websites* e aplicativos de *smartphone*) no processo de mediação de relações sexuais entre homens jovens que fazem sexo com homens e sua importância para compreender as novas práticas de risco e de proteção em relação às IST/HIV/AIDS. Essas tecnologias estão sendo crescentemente utilizadas para encontros sexuais – prática do *cruising* – marcados pela Internet. Os autores utilizam metodologias qualitativas com a realização de grupos de discussão *offline* e análise de conteúdo de fóruns na Internet para encontros sexuais. O estudo mostra como as tecnologias contribuem para uma nova organização das práticas sociais, caracterizada pela crescente facilidade de acesso a parceiros sexuais; sua grande disseminação; o imediatismo no acesso aos encontros; anonimato; antecipação do que será oferecido durante os encontros e abertura para uma ampla gama de usuários.

Na origem da pesquisa está a preocupação com os dados sobre “relaxamento” no uso do preservativo e estimativas de aumento de casos de HIV/AIDS entre homens jovens que fazem sexo com homens na Espanha, o que também é constatado no Brasil¹. Grau-Muñoz et al. são cuidadosos, porém, ao afirmarem que a prática do *cruising* ou dos encontros sexuais marcados pela Internet não são necessariamente práticas de risco, ainda que possam, por algumas de suas características, produzir também um cenário para o “relaxamento” do sexo seguro. Os autores concluem afirmando que o contexto em que o *cruising* ocorre não se caracteriza pela preocupação com o HIV ou IST, mas pelo desejo de acumular e potencializar experiências, ou como afirma Silva² (p. 1388), citado pelos autores em referência à prática do *barebacking*, pela “*necessidade de viver intensamente (e completamente) o momento presente*”.

Para além de pensar a Internet como propiciadora de práticas de risco, há outros aspectos que devem ser considerados, entre eles, quando seu uso aparece ligado a uma sensação de segurança anterior ao encontro face a face, decorrente da possibilidade de antecipar o que se espera desses encontros (por exemplo, a utilização ou não do preservativo). Nesse sentido, a compreensão da forma como as novas tecnologias da informação/comunicação são utilizadas pelas pessoas, ressignificadas e incorporadas nas práticas sociais, são de fundamental importância para se pensar a prevenção e a promoção da saúde.

O ciberespaço constitui-se, portanto, como um “campo” rico de possibilidades para novos estudos e intervenção em saúde que transcende a mera divulgação ou aplicação de instrumentos de pesquisa³. Gostaríamos, assim, de destacar algumas de suas potencialidades no sentido de produzirem novos “*insights*” e “ferramentas” teórico-metodológicas para pensar alguns desses objetos (complexos) na contemporaneidade.

No que diz respeito às pessoas vivendo com HIV/AIDS, somado ao avanço das terapias antirretrovirais, as novas tecnologias de comunicação têm contribuído para uma possível reconfiguração do viver com HIV/AIDS. Destaca-se, por exemplo, a existência e desdobramentos atuais de grupos de suporte *online* para pessoas vivendo com HIV/AIDS, no sentido de obterem informação, conselho e apoio social. Por meio do engajamento nesses grupos, é possível desenvolver maior otimismo em relação à doença e ao futuro e uma percepção de menor isolamento ⁴. A Internet tem viabilizado também diferentes estratégias de redução de riscos/danos já utilizadas no cotidiano de diferentes pessoas, como é o caso do *serosorting*, palavra em inglês para designar a relação sexual entre pessoas de “sorologia concordante”, quando os parceiros podem renunciar de comum acordo ao uso do preservativo ⁵. Alguns homens gays que vivem com HIV, por exemplo, usam a Internet para encontrar parceiros também HIV positivo para a realização do sexo anal desprotegido. Essa prática (*online*) permite a homens gays soropositivos reduzirem o risco de transmissão do HIV, como também evitar a rejeição sexual e o preconceito ⁶.

Sem dúvida, estamos diante de novos cenários, cenas e sentidos cotidianos que passaram a existir a partir (e por intermédio) dessas novas tecnologias. Abre-se, portanto, uma extensa pauta de estudos e questões a serem desenvolvidos e aprofundados (que naturalmente transcendem a área dos estudos sobre sexualidade e prevenção das IST/HIV/AIDS), tendo como eixo principal de análise a relação entre humanos e tecnologias. Desse ponto de vista, surge também a necessidade de se repensar o lugar e a importância que as “coisas” e “materiais” ocupam na coprodução de fenômenos diversos. O celular, por exemplo, quando conectado a uma rede móvel ou WiFi, adquiriu novos usos e interesses, como também parece ter engendrado novas formas de subjetificação. Seguindo algumas pistas deixadas pela teoria ator-rede, podemos pensar todas as “coisas”, naturais/sociais, como efeitos gerados continuamente nas redes de relações nas quais estão localizadas ⁷. Com as novas possibilidades interativas e conexões diversas surgem também novos “sujeitos” da saúde coletiva (profissionais, pesquisadores, comunidades etc.). E isso aponta para a necessidade de se conhecer melhor esses “actantes” (pessoas e tecnologias), como também de discussão e revisão contínua dos limites e potencialidades de nossas políticas públicas.

Jorge Alberto Bernstein Iriart

Editor Associado

iriart@ufba.br

Luís Augusto Vasconcelos da Silva

Instituto de Humanidades Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

-
1. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico Aids/DST; 2014.
 2. Silva LAV. Barebacking e a possibilidade de soroconversão. *Cad Saúde Pública* 2009; 25:1381-9.
 3. Honorato EJS. A interface entre saúde pública e cibercultura. *Ciênc Saúde Coletiva* 2014; 19:481-5.
 4. Mo PKH, Coulson NS. Online support group use and psychological health for individuals living with HIV/AIDS. *Patient Educ Couns* 2013; 93:426-32.
 5. Terto Jr. V. Diferentes prevenções geram diferentes escolhas? Reflexões para a prevenção de HIV/AIDS em homens que fazem sexo com homens e outras populações vulneráveis. *Rev Bras Epidemiol* 2015; 18 Suppl 1:156-68.
 6. Davis M, Hart G, Bolding G, Sherr L, Elford J. Sex and the internet: gay men, risk reduction and serostatus. *Cult Health Sex* 2006; 8:161-74.
 7. Law J. Actor network theory and material semiotics. In: Turner BS, editor. *The new Blackwell companion to social theory*. Chichester: Blackwell Publishing Ltd.; 2009. p. 141-58.